



Design de Livros Infantis: a influência imagética na formação de novos leitores – um estudo de caso sobre *O Pequeno Príncipe*¹

Carolina Souza de ALMEIDA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Resumo

Este trabalho analisa a importância do design de livros para a formação de novos leitores, partindo da hipótese inicial de que o projeto gráfico e as características imagéticas dos livros possuem um papel fundamental no processo de leitura, principalmente durante a infância. Com o objetivo de desconstruir a ideia de que o único fator importante em um livro é o seu texto, é mostrado como os diversos elementos que compõem seu projeto gráfico podem influenciar a maneira das pessoas lerem as narrativas e de interpretarem a parte visual dos livros. Como objeto de estudo, são analisadas quatro edições diferenciadas de um título emblemático da literatura infanto-juvenil: *O Pequeno Príncipe*, de Antoine de Saint-Exupéry.

Palavras-chave: design de livros; literatura infanto-juvenil; formação de leitores.

Introdução

A formação do leitor e a literatura infantil, por conseguinte, são assuntos muito discutidos quando se trata da formação da personalidade e do caráter de um indivíduo. Como as experiências vividas na infância influenciam durante o desenvolvimento e pelo restante da vida de uma pessoa, o contato que ela tiver com os livros quando ainda for criança vai influenciar seus hábitos de leitura quando se tornar adulta. O acesso ao conhecimento e as leituras que uma pessoa realiza ao longo da vida influem direta e indiretamente em seus atos e em sua maneira de ser (PIRES, 1985, p.9). E essas experiências começam a acontecer desde a infância do indivíduo.

Na sociedade em que vivemos, na qual grande parte das informações é transmitida de maneira escrita, é importante que as pessoas saibam ler para poder ter acesso integral ao conhecimento e aos seus direitos plenos como cidadão. Por essa razão, a questão do incentivo à leitura é tema muito em voga atualmente e extremamente debatido ao longo da história, principalmente em um país como o Brasil, onde grande parte da população é analfabeta ou analfabeta funcional (HALLEWELL, 2005, p.717).

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Jornalismo (2009) e em Produção Editorial (2011) pela ECO-UFRJ, email: carol-souza@uol.com.br



Em nossa sociedade leitora, quem é analfabeto está em condição inferiorizada, com limitado acesso ao conhecimento, à cultura, à cidadania. Não muito distante dos totalmente analfabetos estão os analfabetos funcionais, que embora sabendo ler trechos simples [...] são incapazes de ler e compreender textos de maior extensão ou complexidade. (MENDES, 2010, p.13)

Existem muitas maneiras de influenciar o hábito de leitura na infância, que podem ser praticadas por diversas pessoas e instituições. Os programas de incentivo à leitura do governo federal (PNBE, PNLD, PNLEM, PNLA, PNLL, PROLER, etc.)³ e as variadas iniciativas populares⁴, por exemplo, têm um papel fundamental no acesso aos livros pelo público infantil. Muitos dos livros que as crianças não leriam normalmente, por não terem condições financeiras de comprar, passam a ser adquiridos pelo governo ou pelas iniciativas da própria população e doados às escolas e às crianças. Em alguns dos projetos ocorre também a distribuição de livros em bibliotecas itinerantes e a realização de atividades de leitura com a população. Com suas particularidades específicas, esses são projetos muito importantes para possibilitar o acesso à leitura para a população menos favorecida economicamente.

Os eventos e instituições que promovem a leitura em geral e a literatura infanto-juvenil (Bienal do Livro, Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, etc.) também possuem um papel essencial na divulgação dos livros e no incentivo à leitura. Para tal, se utilizam de diversas estratégias, como as palestras que realizam em seus eventos, a participação dos próprios autores durante a leitura do livro, as encenações das narrativas, as visitas escolares e as atividades voltadas especificamente para o público infantil, como as oficinas para desenhar, colorir e escrever histórias, por exemplo. Essas são formas diferenciadas de atrair o público infantil para o universo da leitura.

O papel da família também é importante, já que é ela que proporciona o primeiro contato da criança com os livros. A escola também tem um papel fundamental, que deve, porém, ser exercido com muito cuidado, para não ter o efeito oposto e espantar a criança da leitura ao invés de incentivá-la (LINS, 2003, p.43).

Não é suficiente que o indivíduo tenha acesso aos livros, se ele não se interessar por eles. Atualmente, os livros possuem fortes concorrentes que disputam a atenção das crianças (e a dos adultos também). A televisão, os brinquedos, os videogames e a

3 Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio (PNLEM), Programa Nacional do Livro Didático para Alfabetização de Jovens e Adultos (PNLA), Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER).

4 Jegue-livro, Borrachaloteca, Expedição Vagalume, Projeto Ler é 10 (Leia Favela), entre outros (MENDES, 2010, p.9).



internet, por exemplo, propiciam uma forma de entretenimento, na opinião de muitos, menos complicada que a leitura. Os livros exigem do leitor “um tipo de atitude mais ativa, um tipo de atenção mais concentrada [...], suas mensagens dão um pouco mais de trabalho para serem compreendidas” (MENDES, 2010, p.43). Por isso, eles possuem o difícil papel de ter que atrair a atenção da criança, para esta se interessar por sua leitura.

“Uma criança hoje, urbana ou não, recebe uma carga de informação visual impensável há décadas atrás até para um adulto” (LINS, 2003, p.36). Por essa razão, os livros, para se tornarem atraentes aos seus olhos, devem possuir uma boa apresentação visual e imagética, que vai ser alcançada com um cuidadoso e bem planejado projeto de design gráfico.

Partindo da hipótese inicial de que o projeto gráfico e as características imagéticas dos livros possuem um papel fundamental no processo de leitura, principalmente durante a infância, para crianças recém-alfabetizadas, esse trabalho se propõe a analisar como o projeto do livro pode influenciar os hábitos de leitura infantis.

Com o objetivo de desconstruir a ideia, muito presente no senso comum, de que o único fator importante em um livro é o seu texto, esse trabalho faz a análise do projeto gráfico de alguns livros voltados para o público infantil, a partir de variados estudos sobre o design de livros e a recepção da leitura pelas crianças. No entanto, ainda existe pouca bibliografia específica sobre literatura infanto-juvenil. Sobre projeto gráfico de livros infantis, existem ainda menos estudos, principalmente em língua portuguesa.

Como objeto de estudo, é utilizado *O Pequeno Príncipe* (lançado em 1943), de Antoine de Saint-Exupéry, para fazer uma análise de projetos gráficos diferenciados de uma mesma narrativa. *O Pequeno Príncipe* é um dos livros mais vendidos do mundo e, até hoje, aparece na lista de mais vendidos dos principais meios de comunicação do país⁵. É um livro clássico e mundialmente famoso, ainda muito lido por crianças e adultos.

São analisadas quatro edições diferentes desse livro, que possuem o mesmo enredo, alguns, inclusive, com textos iguais, porém com projetos gráficos diferentes e, conseqüentemente, aparências diferenciadas. A comparação de projetos distintos de uma mesma obra, nesse sentido, é muito útil, pois possibilita evidenciar as escolhas

⁵ Na semana de 20/06/2011 a 26/06/2011 a edição de *O Pequeno Príncipe*, do selo editorial Agir, estava na oitava posição da lista de mais vendidos do Publishnews, o site de referência do mercado editorial no Brasil.



gráficas realizadas, independente das características textuais da obra (MENDES, 2010, p.37).

O desenvolvimento infantil e a relação com a leitura

O conceito de criança como conhecemos hoje nem sempre existiu. Na Antiguidade, crianças e adultos participavam dos mesmos ritos, festas e brincadeiras. “A participação de toda a comunidade, sem discriminação de idade, nos jogos e divertimentos era um dos principais meios de que dispunha a sociedade para estreitar seus laços coletivos e para se sentir unida” (WAJSKOP, 1995, p.63). As crianças eram vistas como “miniadultos”, ou seja, adultos em tamanho reduzido. A sociedade não considerava as particularidades que as caracterizavam como crianças.

Com o passar do tempo e o desenvolvimento das ideias sociológicas a propósito do conceito de infância, a fase inicial da vida de uma pessoa passou a ser devidamente caracterizada de maneira diferente à vida dos adultos. Essa fase passou, aos poucos, a ser pensada como o período de desenvolvimento do ser humano, o período em que o corpo, o caráter e a personalidade da pessoa são formados.

Jean-Jacques Rousseau (1712–1777) foi pioneiro nessa linha de pensamento. Ele foi “o primeiro a perceber o caráter particular da personalidade infantil, ao observar que a criança não é um homem pequeno que vai crescer, mas um ser com necessidades próprias e uma mentalidade adaptada a essas necessidades” (PIRES, 1985, p.64). Rousseau dizia que a criança deve ser ensinada de acordo com o seu interesse e não forçada por “lições secas e obedientes que despertam desagrado e resistência” (DENT, 1996, p.116).

A visão de Rousseau a respeito da infância foi revolucionária para a época e marcou nossa compreensão acerca dessa fase da vida. “Suas ideias constituem a base de nossas próprias ideias a respeito de crianças” (STRATHERN, 2004, p.61). Porém, foi somente a partir da segunda metade do século XIX que essa visão a respeito da infância começou a se intensificar, passando a influenciar também o campo da pedagogia.

Sob a influência dos pensamentos e das filosofias de suas épocas, cada um à sua maneira, os pedagogos Friedrich Fröbel (1782-1852), Maria Montessori (1870-1909) e Ovide Décroly (1871-1932) elaboraram pesquisas a respeito das crianças pequenas, legando à educação grande contribuição. Com Fröbel, por exemplo, inaugurou-se uma educação institucional baseada no brincar. Os médicos que o sucederam, e se tornaram os primeiros pedagogos da educação pré-escolar a romper com a educação verbal e tradicionalista de sua época, propuseram uma educação sensorial, baseada na utilização de jogos e materiais



didáticos, que traduzia a crença em uma educação natural dos instintos infantis. (WAJSKOP, 1995, p.63)

Dessa forma, a criança passou a ser incentivada a realizar atividades diferenciadas das tarefas dos adultos. O ato de brincar – considerado uma atividade espontânea da criança pela ciência psicológica e pela psicanálise –, por exemplo, passou a ser valorizado como uma maneira de educação e formação (WAJSKOP, 1995, p.64). A criança aprende e se desenvolve ao realizar brincadeiras e ao se divertir, seja sozinha ou acompanhada.

Atualmente, a infância é considerada um período de desenvolvimento, uma época de mudanças que ocorrem no organismo como resultado de aprendizagem e de influências ambientais. E, apesar de cada indivíduo ter seu próprio ritmo de formação, “as fases evolutivas e os processos de desenvolvimento são universais” (PIRES, 1985, p.32). Ou seja, as mudanças no comportamento humano têm a tendência a ocorrer na mesma fase da vida para todos os indivíduos.

Jean Piaget (1896–1980) foi um pensador importante nessa área, tendo elaborado ideias sobre as fases de desenvolvimento da criança, diferenciando-as umas das outras. Segundo ele,

o desenvolvimento do pensamento e da linguagem da criança constitui-se nas seguintes etapas: 0-2 anos período sensório motor; 2-7 anos pré-operacional; 7-12 anos operacional concreto; 11 ou 12 anos em diante operacional formal. (NICACIO e SANTOS, 2009, p.1)

Em cada uma dessas fases, a criança passa progressivamente a adquirir certas habilidades intelectuais e físicas, de acordo com o seu crescimento e desenvolvimento.

No entanto, Piaget não foi o único a elaborar ideias sobre as fases de desenvolvimento do ser humano. O próprio Rousseau já havia feito uma tentativa parecida.

Num primeiro e incompleto rascunho do *Emílio*, Rousseau divide em quatro os estágios de desenvolvimento do homem; a idade da natureza (até os 12 anos); a idade da razão (inteligência) (12-15); a idade da energia, força vital (15-20); a idade da sabedoria (20-25). (DENT, 1996, p.117)

E, assim como Rousseau e Piaget, diversos outros pensadores e pesquisadores estudaram e ainda estudam exaustivamente essa área.

Por ser um período de formação de personalidade, pode-se dizer que grande parte das atividades realizadas pela criança vai influenciar seus gostos e a maneira como ela vai se portar quando estiver adulta. E, exatamente por essa razão, essa é a fase de construção de seus hábitos e gostos de leitura. O fato de o indivíduo ser ou não um

adulto leitor, muitas vezes, é influenciado pelas experiências que ele teve na infância e pelos livros com os quais teve contato ao longo da vida (PIRES, 1985, p.9).

“A criança, desde pequena, se reconhece como uma individualidade, um ser destinado a uma existência própria, única. Ela não sabe, mas ‘intui’ estar em desenvolvimento e mutação” (PIRES, 1985, p.31). E ela se desenvolve a partir de uma série de mudanças que ocorrem em seu organismo, em consequência dos momentos de aprendizagem e das influências ambientais sofridas. A partir daí, a personalidade da criança começa a ser formada.

Em relação ao desenvolvimento do gosto pela leitura, para o bebê com até um ano de idade, não importa o conteúdo da história lida. “Ele pode até não compreender o dilema da princesa, quantos animais estão na fazenda ou dimensionar o tamanho da floresta, mas já sente o prazer em escutar” (ROGERIO e VIDIGAL, 2011, p.53). A interação entre o adulto e o bebê é o mais importante dessa fase.

Nesse momento da vida, o bebê tem uma empatia mais forte com histórias curtas, repetitivas, poemas, brincadeiras com palavras e, sobretudo, com ilustrações grandes e bem coloridas. As edições com formatos diferenciados também costumam chamar a atenção da criança (ROGERIO e VIDIGAL, 2011, p.53). Livros de plástico, de pano, em formato *pop-up*, etc., são uma diversão a mais para ela se lembrar dos momentos de leitura no futuro.

Os livros ilustrados são muito presentes na infância, pois a criança ainda não tem a fluência nem a atenção suficientes para ler livros com textos somente. O livro infantil possui, portanto, a particularidade de ser ilustrado e forma, assim, uma história na qual “texto e imagem compõem uma narrativa verbo-visual” (MENDES, 2010, p.32). As imagens têm grande importância na formação da história na mente da criança, já que “a leitura do livro ilustrado solicita apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado” (LINDEN, 2011, p.8).

Vale ressaltar aqui que não há uma ordem de importância entre imagem e texto. Os dois são igualmente relevantes à narrativa contada. Eles dialogam entre si: a ilustração completa o sentido do texto, assim como o texto completa o sentido da ilustração. Esta “está intrinsecamente relacionada ao texto, e ambos contam a narrativa do livro infantil” (NECYK, 2007, p.156).

No entanto, não devemos pensar que a criança só lê livros ilustrados porque ainda não tem capacidade de ler livros textuais. A leitura de imagens não exige menos do ato de leitura (LINDEN, 2011, p.8). Ela demanda interpretação, observação e



capacidade de dedução. A criança se desenvolve ao aprender a analisar e interpretar imagens. Da mesma maneira, o adulto considerado letrado também deve possuir a capacidade analítica de saber ler imagens e ilustrações, ou seja, a capacidade de interpretar narrativas não verbais.

A partir de certa fase, a criança começa a amadurecer, se tornando mais fluente na leitura e passando a ler livros com mais textos e menos ilustrações, ao contrário do que fazia antes (PIRES, 1985, p.96). Certas vezes, incentivada pela escola e, em outras vezes, por conta própria. Tais livros deixam, então, de ser denominados infantis e adquirem o status de juvenis. É uma literatura para crianças mais velhas, com mais experiência de vida e mais tempo de leitura.

Os livros juvenis costumam ter um formato diferente dos infantis. Além de possuírem menos imagens e mais textos, são também configurados de outra maneira. A fonte do texto, que deve ser maior para crianças pequenas, diminui de tamanho; o formato do livro, que antes possuía diversas possibilidades (horizontal, quadrado, redondo, etc.) vai começando a se assemelhar, cada vez mais, aos livros para adultos, no formato retangular vertical; as narrativas vão ficando cada vez mais complexas, ao demandar mais capacidade de interpretação e análise; as histórias vão ficando mais longas e os temas mais densos; entre diversos outros fatores.

Como explica o designer Guto Lins,

os livros para crianças pequenas, em geral, são mais coloridos, ilustrados e com pouca massa de texto. [...] As crianças vão crescendo, o livro vai diminuindo de formato e o corpo da letra também. Em contrapartida aumentam o número de páginas e a quantidade de texto. (LINS, 2003, p.45)

Essa é uma forma de ir preparando os indivíduos para a futura leitura de livros somente textuais. O que não significa, é claro, que quando crescerem só lerão livros com textos. Muitos livros ditos para adultos possuem uma quantidade significativa de imagens e ilustrações, incluindo-se aí os chamados livros de arte (de fotografia, arquitetura, design, entre outros), o que não desmerece em nada o conteúdo do livro. Existem, inclusive, livros somente com imagens, sem qualquer interferência textual, principalmente no meio artístico.

No entanto, não importando a fase de desenvolvimento em que a criança esteja, é sempre importante que ela se relacione com os livros de forma espontânea e natural, sem obrigações nem cobranças. Forçar a leitura de um número determinado de livros por ano não vai fazer surgir um gosto pela leitura. Pelo contrário, a criança passa a associar o ato de ler a uma obrigação – escolar ou não –, ao invés de considerá-lo uma



atividade de prazer (LINS, 2003, p.43). É importante, então, que o indivíduo se interesse pelo livro por contra própria, sem pressões externas, de quem quer que seja.

Nesse aspecto, o projeto gráfico do livro tem uma importância fundamental, já que a empatia inicial com o objeto geralmente ocorre com sua aparência. Ou seja, um dos primeiros fatores que podem vir a atrair o indivíduo para o livro – tanto a criança, como o adulto – é a sua apresentação visual: a composição da capa e do miolo, as ilustrações, a tipografia, o acabamento, entre diversos outros fatores.

Por essa razão, um bom texto escrito deve estar sempre aliado a uma boa apresentação visual, tanto para atrair novos leitores ou possíveis compradores, quanto para tornar a leitura mais fluente e agradável. No caso das crianças, principalmente as mais novas, essa importância é ainda maior. Como elas se relacionam mais intensamente com as imagens do que com os textos, a aparência dada à página é fundamental para a compreensão das mensagens transmitidas e para a empatia da criança com o livro.

Se o interesse pela leitura aparecer desde a infância, é provável que ele se mantenha ao longo da vida do indivíduo, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal e intelectual. Portanto, é importante estimulá-lo desde cedo, o que pode ser feito de diversas maneiras, como, por exemplo, por meio do cuidado com o projeto gráfico e com a apresentação visual do livro, levando-se sempre em consideração a faixa etária para a qual ele está destinado.

O Pequeno Príncipe

Apesar da nacionalidade francesa do autor Antoine de Saint-Exupéry, a primeira edição do livro *O Pequeno Príncipe* foi publicada em 1943, pela editora nova-iorquina Reynal & Hitchcock, em duas versões diferentes: uma em inglês e outra em francês, ambas com as famosas aquarelas do autor. Isso ocorreu devido ao exílio de Saint-Exupéry nos Estados Unidos, de 1941 a 1943. Somente dois anos depois, em 1945, o livro foi publicado na França, pela Librairie Gallimard.

No entanto, foram constatadas diferenças significativas entre as edições francesa e americana.

Como o gráfico francês não dispunha dos desenhos originais do autor, ele partiu das ilustrações de uma das edições que podemos julgar muito “avivadas” ou “remontadas”. As pinceladas, ainda bem visíveis na

edição de 1943, desapareceram sob o efeito do polimento das cores e muitos detalhes foram alterados. (SAINT-EXUPÉRY, 2009, s.p.)⁶

Por isso, anos mais tarde, a Librairie Gallimard decidiu publicar novamente *Le Petit Prince* (fig. 1), em edição semelhante à primeira edição norte-americana. O livro da Folio – coleção de livros em formato de bolso, da Librairie Gallimard – foi então lançado da maneira como foi idealizado por seu criador.

Apesar de ter um tamanho pequeno (11x18cm), sendo considerado assim um livro de bolso, *Le Petit Prince* possui todas as aquarelas desenhadas pelo autor, o que não é muito comum em livros de bolso, já que estes tentam ter o menor tamanho possível, para fazerem jus ao seu nome. As famosas aquarelas, que ficaram conhecidas no mundo todo, são um grande atrativo para o público infantil, por serem bem coloridas, em sua maioria (algumas são em preto-e-branco), e terem traços relativamente simples.

A capa também segue o modelo das ilustrações, sendo composta com as “aquarelas simples, que também são aplicadas ao longo do texto. Essas imagens apoiam a narrativa pungente de Saint-Exupéry. A boa combinação entre texto e imagem transformou esse título em clássico da literatura infantil” (HASLAM, 2007 p.157).

As ilustrações são dispostas de diversas maneiras: ao lado do texto, abaixo ou acima do texto, em uma página inteira, e em harmonia com a parte escrita, ou seja, junto ao texto. Esse tipo de diagramação dá um caráter mais dinâmico e menos cansativo ao livro, o que também é benéfico para o público infantil. No entanto, a disposição da parte escrita em grandes blocos de textos pode tornar a leitura maçante e cansativa depois de um tempo, o que não é bom principalmente para pessoas em fase de alfabetização, não acostumadas com leituras tão longas (o livro possui 104 páginas).

Em relação à parte tipográfica, é utilizada uma fonte serifada, que facilita a leitura em grandes blocos de texto, já que as serifas formam uma continuidade entre as letras, cansando menos a vista do leitor. As serifas são “traços adicionados ao início ou ao fim dos traços principais de uma letra” (BRINGHURST, 2005, p. 363). As fontes sem serifa, por sua vez, não são muito adequadas para textos muito longos, mas desempenham uma boa função em títulos ou em textos curtos ou publicitários, pois são fontes que chamam bastante atenção (MENDES, 2010, p.28).

Porém, a entrelinha é muito estreita, o que pode dificultar na sequência de leitura. O corpo da letra também é pequeno, fato bastante comum em livros de bolso,

⁶ Trecho retirado da orelha da edição brasileira do livro *O Pequeno Príncipe*, publicado pela editora Agir, que, por sua vez, foi traduzido da edição francesa, publicada pela Librairie Gallimard.

que, apesar de não prejudicar a leitura para pessoas já habituadas com grandes quantidades de texto, não a facilita para um público mais jovem. Geralmente, em livros para crianças pequenas, são utilizados tipos com um corpo maior, para facilitar a leitura e a apreensão da informação (PIRES, 1985, p.94). Para crianças com mais idade, o corpo costuma ser menor, se assemelhando aos livros adultos.

Esse livro utiliza papel couché (um tipo de papel revestido), que ressalta as cores e as imagens da aquarela do autor, mas dificulta um pouco a leitura do texto, devido ao reflexo que a luz gera no papel. A contracapa é igual à capa, e não possui nenhuma informação de texto – a não ser o título, nome do autor e da editora –, o que é raro de ser visto. Isso provavelmente ocorre pelo fato do livro ser um clássico já conhecido por grande parte da população francesa e mundial. No entanto, a falta de texto não faz tanta diferença para um público ainda não letrado ou em fase inicial de alfabetização.

Pelas características anteriormente citadas, principalmente o grande bloco de texto e o corpo pequeno da fonte, pode-se chegar à conclusão que esse não é um projeto gráfico voltado especificamente para o público infantil, apesar da história narrada o ser. Nesse caso, seria melhor desfrutado por um adulto ou por uma criança com mais idade, já pertencente ao público juvenil.

A edição brasileira (fig. 2), publicada pela editora Agir – pertencente à Ediouro –, segue o modelo da edição francesa, da qual foi traduzida para o português. Todavia, essa edição possui um formato um pouco diferenciado. O livro tem o tamanho 15,5x23cm, ou seja, é maior que a edição francesa, permitindo uma melhor acomodação dos elementos na página.

Assim como o livro original, ele possui o texto integral de Saint-Exupéry e inclui também todas as aquarelas do autor. Os dois livros são bem similares, em relação à diagramação, somente com proporções diferentes. Muitas das imagens possuem, inclusive, a mesma disposição na página. Ele possui também letras serifadas, porém em corpo e entrelinhas maiores, o que pode ajudar o público mais jovem na leitura. No entanto, o texto possui a mesma disposição em grandes blocos, não sendo assim tão indicado para um público infantil.

Essa edição utiliza papel offset não revestido, que, ao contrário da edição francesa, não ressalta tanto as imagens do livro, mas, ao mesmo tempo, não causa um reflexo tão grande da luz, o que pode proporcionar uma leitura mais confortável do texto.

A edição brasileira tem a parte frontal da capa exatamente igual à francesa, com as devidas traduções, é claro. Porém, ela possui, como diferencial, orelhas, com um trecho da história escrita, e um texto de apresentação na contracapa. Ela apresenta também uma diferença de tonalidade de cor na capa, provavelmente devido às diferenças gráficas no processo de impressão, o que, no entanto, não prejudica em nada a ilustração retratada.

Como as duas edições são bem parecidas, possuem provavelmente o mesmo público-alvo, possivelmente com algumas poucas variações. Ou seja, são mais voltadas para um público adulto ou juvenil, com certa experiência de leitura.

As duas próximas edições de *O Pequeno Príncipe* analisadas nesse trabalho, também pertencentes à editora Agir, são: uma versão em quadrinhos e outra em *pop-up*.

A edição em história em quadrinhos (fig. 3) é uma adaptação da narrativa original de Saint-Exupéry, ou seja, ela se diferencia por não possuir o texto integral, nem as aquarelas do autor, como nos outros livros já citados. As ilustrações são feitas pelo premiado quadrinista franco-belga Joann Sfar, que possui um traço característico bem diferente de Saint-Exupéry, apresentando um Pequeno Príncipe distinto do que estamos acostumados.

Como quase toda história em quadrinhos, o livro é ilustrado do início ao fim, com desenhos e balões. No entanto, os livros em quadrinhos são uma “forma de expressão caracterizada não pela presença de quadrinhos e balões, e sim pela articulação de ‘imagens solidárias’” (LINDEN, 2011, p.25), ou seja, imagens que possuem uma conexão entre si.

O livro inteiro é bem colorido e possui pouca quantidade de texto por página, o que é bem interessante para o público infantil, pois possibilita uma leitura mais dinâmica e atrativa. A presença de numerosas ilustrações também é benéfica, pois permite que a criança acompanhe visualmente cada momento da narrativa, percebendo inclusive as expressões dos personagens em cada fala.

A fonte utilizada tem um estilo manuscrito, o que pode ser bom para a criança, pois se assemelha a sua própria letra ou à letra de pessoas conhecidas (professores, pais, etc.). O livro é composto em papel couché e possui um formato grande (21x28cm), tornando respectivamente as cores mais vivas e as imagens maiores e atrativas. Possui também capa dura, o que torna o livro mais resistente – e elegante também – nas mãos das crianças.

Devido às características supracitadas, pode-se chegar à conclusão de que essa edição tem a possibilidade de ser bastante desfrutada pelo público infantil, por não ter grandes blocos de texto, ser bem dinâmica e possuir ilustrações ao longo do livro inteiro. No entanto, a narrativa é um pouco longa (contada em 110 páginas), o que pode torná-la um pouco cansativa para leitores com menos idade.

O quarto e último livro analisado (fig. 4) é uma edição com o texto integral e as aquarelas originais de Saint-Exupéry, porém, em formato *pop-up*. Isto é, ao abrir o livro, algumas ilustrações se movem e “saltam” da página em direção ao leitor. Outras imagens ficam escondidas e aparecem quando o leitor levanta o compartimento onde elas estão localizadas. Outras ainda realizam certos movimentos quando o leitor puxa o papel no local indicado. Os cenários se materializam e o leitor se sente como se estivesse dentro da história, junto com o Pequeno Príncipe. É um formato, portanto, mais interativo, muito interessante para crianças em fase de aprendizado. No entanto, as frágeis dobraduras podem não durar muito tempo, se forem excessivamente manuseadas sem cuidado.

A capa tem a mesma ilustração da edição original em francês, no entanto, possui uns detalhes em dourado e um vermelho vibrante na lombada, o que é um atrativo a mais para o livro e pode despertar o interesse da criança para a sua leitura.

Todavia, apesar de ser bem dinâmico e interativo, o livro ainda possui alguns blocos de texto bem grandes, com fontes não serifadas, e entrelinha e corpo pequenos, o que pode tornar a leitura um pouco cansativa. Além disso, o livro é pesado, com um tamanho grande (20,5x29cm), fato que pode dificultar o seu manuseio por crianças pequenas.

Com essa análise, pode-se perceber como o projeto gráfico de um livro pode vir a influenciar, facilitando ou dificultando, o processo de leitura, podendo também contribuir para o interesse da criança em relação ao livro. No caso dessas edições de *O Pequeno Príncipe*, os livros mais voltados para o público infantil seriam os que possuem uma diagramação textual mais dinâmica – e, portanto, menos cansativa a um público-leitor sem muita experiência – e os que são mais ilustrados e coloridos, com um projeto gráfico menos tradicional, o que despertaria o interesse da criança por sua apresentação visual. Por essa razão, os projetos gráficos das duas primeiras edições analisadas seriam mais apropriados a um público mais experiente, ao passo que as duas últimas edições seriam bem aproveitadas por um público mais jovem – sem que isso seja uma regra.



Figura 1: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **Le Petit Prince**. Paris: Folio, 2009.



Figura 2: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.



Figura 3: SFAR, Joann. **O Pequeno Príncipe**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

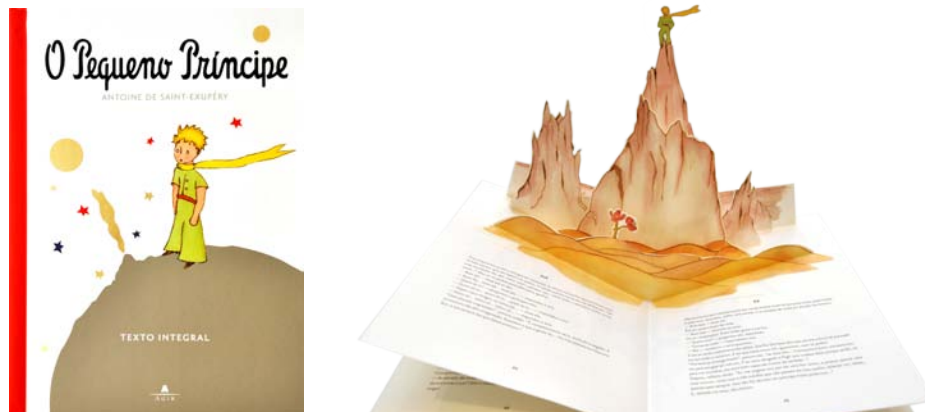


Figura 4: SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe: o grande livro pop-up**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.



Conclusão

Esse trabalho não tem o objetivo de esgotar esse tema e sim de mostrar uma das possíveis facetas do projeto gráfico de livros infantis, que é o seu poder de incentivar a leitura. Ainda há muita pesquisa a ser feita na área, especialmente por ser um campo em constante mutação, com o desenvolvimento de novas tecnologias a todo o momento.

Além disso, as crianças e seus interesses variam de acordo com a época em que vivem. Por isso, um projeto de livro que interessa à infância atual pode não comunicar nada às crianças que nascerão, por exemplo, daqui a 20 anos – fato que exige muito estudo e dedicação de pesquisadores e profissionais da área (professores, designers, produtores gráficos, produtores editoriais e afins).

Obviamente, o projeto gráfico não é o único fator que influencia o interesse pela leitura, mas é um dos relevantes fatores que contribui para atrair a atenção de um possível público leitor, fazendo-o entrar em contato com os livros. Além disso, tem a capacidade de mantê-lo interessado até o final da narrativa, se for bem planejado e executado, facilitando, assim, o processo de leitura.

Um projeto de livro bem planejado é essencial para todos os tipos de leitores, já que, muitas vezes, além da narrativa em si, é ele que determina se o indivíduo vai ter a vontade e a disposição para ler o livro até o final. No entanto, no caso do público infantil, o projeto é ainda mais determinante, por se tratarem de pessoas ainda não alfabetizadas ou em fase de alfabetização: pessoas cujo desenvolvimento ainda depende extremamente da parte visual e imagética do mundo.

É importante ressaltar também que não existem regras fixas para compor um bom projeto gráfico. A composição varia bastante de acordo com quem planejou e executou o projeto e, claro, de acordo com o público-alvo do livro em questão. O que existe, e que foi mostrado nesse trabalho, são estudos acerca do design de livros que objetivam facilitar o processo de leitura do público infantil, com intenção de fazê-lo se interessar por livros e, conseqüentemente, ter prazer na atividade de leitura. Uma criança que lê por prazer e associa a leitura aos momentos de diversão tem muito mais possibilidade de se tornar um futuro adulto leitor.

Referências bibliográficas

BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.



DENT, N. J. H. **Dicionário Rousseau**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: Edusp, 2005.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II: como criar e produzir livros**. São Paulo: Rosari, 2007.

LINDEN, Sophie Van der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LINS, Guto. **Livro infantil?: projeto gráfico, metodologia, subjetividade**. São Paulo: Rosari, 2003.

MENDES, Cláudia. **Materialidade do livro infantil: projeto gráfico, ilustração e indústria cultural**. Niterói: UFF, 2010.

NECYK, Barbara Jane. **Texto e imagem: um olhar sobre o livro infantil contemporâneo**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2007. Disponível em:
<<http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/>> Acesso em: 28 mai. 2011.

NICACIO, Sônia Bessa da Costa e SANTOS, Luciana Lima. **Como os professores da educação infantil e ensino fundamental I compreendem e relacionam a função simbólica com a alfabetização**. São Paulo: ABPp, 2009. Disponível em:
<http://www.abpp.com.br/artigos/101_2.htm> Acesso em: 27 jun. 2011.

PIRES, Simone Linhares. **A influência que o livro infantil exerce sobre a criança**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1985.

ROGÉRIO, Cristiane e VIDIGAL, Marina. Ler para o bebê, sim! **Crescer**, n. 211, p. 53, jun. 2011.

STRATHERN, Paul. **Rousseau em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

WAJSKOP, Gisela. O brincar na educação infantil. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 92, p. 62-69, fev. 1995. Disponível em:
<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/742.pdf>> Acesso em: 30. mai. 2011.